

# APRESENTAÇÃO



**CIHALCEP**  
28-30/JUNIO 2017

IV Congreso Internacional  
Historia, Arte y Literatura  
en el Cine en Español y en Portugués  
// Salamanca / Spain

O Cinema é uma janela aberta à cultura, à sociedade e à história do país que o produz. Ele reflete tanto as inquietudes do momento, como também uma forma de pensar e de ver o mundo, muitas vezes particular e exclusiva, que traz informações preciosas sobre a sociedade na qual se insere. Por esse motivo, a *Revista de Estudios Brasileños* dedica seu primeiro número especial ao cinema produzido no Brasil. Para tanto, toma como ponto de partida a quarta edição do Congresso Internacional de História, Literatura e Arte no Cinema em Espanhol e Português (CIHALCEP 2017), origem dos doze artigos que hoje são apresentados e fórum de debate permanente sobre as últimas teorias e pesquisas sobre a Sétima Arte.

Nesse número, podemos encontrar temáticas e enfoques muito diferentes, que nos proporcionam um magnífico panorama do cinema brasileiro e que, portanto, nos permitem compreender um pouco melhor o funcionamento de uma sociedade em constante câmbio e transformação.

O Cinema e a Literatura sempre mantiveram uma bela história de amor. Partindo dessa premissa, um primeiro grupo de artigos se dedica, precisamente, às adaptações cinematográficas de romances brasileiros e sobre a relação existente entre ambos os mundos, nos quais a palavra e a imagem se entrelaçam e, muitas vezes, se confundem.

Esse é o caso do artigo de Maria Ignês Carlos Magno e Maria Aparecida Baccega, que aborda a adaptação de um dos grandes clássicos da literatura brasileira, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, acompanhado de outro grande mito, neste caso, do cinema, do diretor Nelson Pereira dos Santos. Nenhum livro antes soube captar melhor as paisagens e a essência da dureza do Nordeste e do cruel sertão, onde a seca e a pobreza caminham de mãos dadas. A passagem do visual ao escrito, primeiro, e do escrito ao visual depois, na perspectiva de dois extraordinários artistas, constituem a essência do trabalho das autoras, que demonstram como a utilização das palavras e das imagens na construção da narrativa consegue fazer com que uma obra se mantenha atual, provocando no leitor e no espectador o desejo de revisitá-las.

Josmar Reyes apresenta outra adaptação, neste caso, do romance de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, transformado em filme por Luiz Fernando Carvalho. As dificuldades para traduzir em imagens os pensamentos e a luta interior do protagonista do livro e como o cineasta converte esse handicap numa virtude constituem a essência deste trabalho.

Para terminar os estudos sobre o árduo processo de adaptação, o texto de Pamella Tucunduva da Silva apresenta as estratégias seguidas por Breto Brant e Renato Ciasca, diretores do filme *Cão sem dono*, para levar da página escrita até à tela o romance de Daniel Galera, *Até o dia em que o cão morreu*, explicando como trocar o foco e a perspectiva, sem que a história se perca pelo caminho.

Fechando este grupo de artigos sobre Cine y Literatura encontramos o texto de Danielle Corpas, que analisa alguns aspectos do pensamento de Paulo Emilio Sales Gomes, partindo de passagens dos seus escritos críticos e de duas produções de ficção também se sua autoria: o roteiro baseado no romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, escrito em colaboração com a romancista Lygia Fagundes Telles para o filme *Capitu* y as narrativas do livro *Três mulheres de três PPPs*.

Em algumas ocasiões, uma cidade é a protagonista indiscutível do filme, seja por ser marco e espaço físico da ação, por desempenhar um papel destacado no argumento, ou porque o argumento é a própria cidade. É o que sucede com a nordestina cidade do Recife, objeto dos trabalhos de Bárbara Lino e Cristiano Nascimento, por um lado e de Sylvia Costa Couceiro, por outro. Os primeiros se centram na representação cinematográfica da paisagem da cidade cada vez mais vertical, enquanto que a segunda, entre o Cinema e a História, analisa a influência do cinema na vida social da cidade do Recife nos anos de 1920, o comportamento de seus habitantes nas salas de cinema e os métodos utilizados pelas autoridades para controlar o novo entretenimento.

De História, ou melhor, do cinema como dispositivo histórico-político é o tema do texto de Erika Savernini. A autora propõe a análise de dois filmes rodados num momento especialmente convulsivo, o dos golpes que instauraram ditaduras militares de longa duração por quase toda América Latina. *Cabra marcado para morrer*, do brasileiro Eduardo Coutinho, e *Chile, la memoria obstinada*, do chileno Patricio Guzmán, registram o que aconteceu com os personagens “comuns” que participaram na produção inicial desses documentários que tiveram que esperar vinte anos para serem terminados.

Eduardo Coutinho e o seu *Cabra marcado para morrer* são também o objeto de estudo de Gabriel Ferreira Vasconcelos, que trata da evolução pessoal do cineasta para explicar a origem, desenvolvimento e estratégias formais presentes no filme.

Para finalizar, os três últimos trabalhos deste número especial apresentam questões muito diferentes. Luiz Antonio Mousinho, por exemplo, explica como a crítica especializada recebeu o lançamento do filme *O som ao redor*, de Kléber Mendonça Filho. Solange Salette Toccolini Zorzo descreve o mágico processo de trasladar uma ideia do roteiro à tela, a partir do filme *Cabra-cega*. Y Francisco Javier Gómez y José Patricio Pérez entram no desconhecido mundo das coproduções hispano-brasileiras e seu resultado desde a assinatura do primeiro convênio bilateral de colaboração em 1963.

Em conjunto, os artigos reunidos neste número especial da *Revista de Estudios Brasileños* nos oferecem uma primeira aproximação ao cinema feito no Brasil em distintos momentos e de diferentes maneiras, e nos mostram até que ponto a vida influi no cinema e vice-versa.

#### CIHALCEP 2017

**Ignacio Berdugo Gómez de la Torre**

Universidade de Salamanca  
Presidente CIHALCEP 2017

**Esther Gambi**

Centro de Estudos Brasileiros  
Comitê científico CIHALCEP 2017